



O actual regime de censura à imprensa é insuportável

O nosso numero de anteontem foi massacrado pela censura. Não houve página onde ela não desse um profundo golpe.

Compreendemos, embora sempre protestemos — porque somos partidários da máxima liberdade de pensamento — a existência da censura num período anormal. Os governos pensam nessas ocasiões de agitação que impedindo a livre expressão do pensamento consolidam o seu poder. É uma ilusão que ainda não se desfez. Não compreendemos, porém, a existência da censura neste momento em que os governantes se julgam absolutamente senhores da situação.

Se neste país as empresas jornalísticas soubessem compreender a sua missão estamos convencidos de que a censura já teria terminado. Um movimento de reacção por parte dos jornais fá-la-hia desaparecer rapidamente.

Mas, infelizmente, a imprensa perdeu demasiado o seu brio, o seu decôr para abalançar-se à defesa energética dos seus direitos. E à sua cobardia corresponde o rigor com que a censura a vem tratando.

Não há sequer inteligência na maneira como a censura se está exercendo. No nosso número de domingo, por exemplo, censuraram-nos uma local que havíamos transcrita de outro jornal. Porque motivo nos foi coartado um direito que a outrem se tinha concedido? A comissão de censura sabia, estamos certos, responder com clareza a esta pregunta.

Factos desta natureza contribuem apenas para formar uma atmosfera de más vontades e de justificadas rancores contra o governo, que, apesar de ocultos por lhes não permitirem a livre expansão na imprensa, não deixam de ser extremamente perigosos para a existência de um governo.

Há muitos anos que a imprensa não é tão afrontada como o está sendo na presente situação. Chegou-se ao ponto de suspender um jornal. Não se comprehende essa suspensão, visto que existe uma comissão de censura que, com os seus cortes consegue o milagre de pôr todos os jornais de acordo com o governo.

E não são sómente os prejuízos morais que irritam os ânimos dos que vivem sob a alcada da censura, os materiais são também consideráveis.

O nosso jornal tem sofrido grandes atrasos, perdendo os correios de província. Ninguém nos indemniza destes prejuízos que, para um jornal de poucos recursos, como o nosso, podem ser a causa da sua morte.

** * * *

 O nosso jornal tem sofrido grandes atrasos, perdendo os correios de província. Ninguém nos indemniza destes prejuízos que, para um jornal de poucos recursos, como o nosso, podem ser a causa da sua morte.

A ACTUALIDADE INTERNACIONAL

O capitalismo alemão, ajudado pela finança norte-americana, procura salvar da ruína o estado francês

Os católicos mexicanos mantêm-se em luta aberta com o general Calles, no campo da hegemonia política

O facto que vamos descrever aos leitores comprova que o patriotismo não é dogma muito rigoroso para os homens da grande finança. O interesse financeiro é para os capitalistas função muito mais urgente e superior do que a pátria, por cujo sacrifício só são obrigados os que nela têm a

Depois desse formidável cachão de ódios patrióticos entre alemães e franceses, durante o qual se aniquilaram milhões de vidas inocentes, os capitalistas da Alemanha e da França voltam a harmonizar-se em grandes negócios.

Actualmente, a França debate-se numa crise financeira agudíssima, ao mesmo tempo que a Alemanha se vai refazendo com êxito da ruína que cavaou durante a guerra.

Nestas circunstâncias, surge uma notícia assombrosa para quem vê a pátria menos que as realidades: o governo alemão ofereceu-se para ajudar o governo francês na estabilização do franco. Realizou-se, há dias, uma conferência entre o embaixador alemão em Paris, sr. Hoesche, e o sr. Briand, ministro dos negócios estrangeiros francês. Esta conferência causou vivo interesse nos

meios diplomáticos, políticos e jornalísticos de ambos os países e, até, de alguns países estrangeiros.

Sabe-se, pois, os motivos dessa conferência. O embaixador Hoesche foi oferecer o auxílio do governo alemão no "saneamento" financeiro do capitalismo e do estado franceses, contando para isso com o diretor que os banqueiros norte-americanos dispensam, em grandes quantias, aos capitalistas alemães. Em compensação, os diplomatas alemães exigem da França uma acomodação expectativa na admissão do estado germânico na Sociedade das Nações... europeias, para que, lá dentro, possa reclamar a devolução das colônias.

A manobra diplomática parece estar dando resultado. O governo alemão tem mostrado notável frieza às sugestões inglesas, quando, saudando o Congresso, disse esperar que o trabalho util para a classe.

Seguiu-se no uso da palavra o sr. Carvalho Duarte, que falou em nome do Conselho Federal do Professorado Oficial. Aludiu ao estado de ruína em que se encontra, por esse país fora, a maioria das escolas primárias; falou na miséria do professorado, com pagamentos em atraso, frisando, em resumo, a precária situação dos professores, da qual têm culpa os últimos governos.

O sr. Pedro de Almeida entende que o governo deve acarinar o professor primário, pois que da sua acção depende o progresso nacional.

Usou por último da palavra o ministro da Instrução que pronunciou um discurso.

Terminado o discurso, que foi que foi aplaudido, o ministro inaugurou a exposição de trabalhos escolares, provenientes da maioria das escolas de todo o país, e na qual se encontram obras merecedoras de elogio, desde os desenhos das crianças até aos trabalhos, já perfeitos, dos alunos das classes superiores.

A exposição foi muito apreciada e continuou aberta ao público até final do Congresso.

A oposição dos católicos às medidas do ditador Calles

Continua a luta contra o catolicismo no México. A refrega, de parte a parte, é brutal; mas a Igreja continua a ser abandonada de mártires, cujo sacrifício pudessem aureolá-la, e os católicos mexicanos não mostram aquela resignação e força moral dos primeiros cristãos. A luta, afinal, desenvolve-se por critérios de hegemonia política, como acontece desde que a Igreja deixou de ser uma força espiritual a mover povos e se tornou, uma seita política a deplidar governos.

Não como luta religiosa, mas como luta política, se devem encarar os decorrentes acontecimentos no México. As notícias que do México se recebem, mais eficazmente que os protestos das *Novidades* e as lamúrias do Papa e dos bispos, confirmam a nossa assertão, aliás, tão fácil.

Em vários estados daquela República a agitação dos católicos e dos não-católicos é grande. Pretendendo a ordem pública, o governo fez apreender todas as armas e cassar as respectivas licenças, o que demonstra serem bárbaros os ateu e não os remenos os crentes. *Amen...* para absolvição dos operários perseguidos sob as benções dos servos de Deus.

O governo de Calles deu instruções severas aos governadores de estados para que não sejam toleradas nenhuma manifestações e só depois de se certificar da honradez dos ingleses lhes cederá a rapariga que éles perfilaram. Ficaram assim os interesses perfeitamente acautelados.

Estas Eufémias, porém, que surgem misteriosamente da sombra, falam, enredam, segredam, convencem e fundem-se novamente na sombra levando crianças nos braços para destinos desconhecidos; estas Eufémias anónimas cujo passado se desnudou, cuja vida é um enigma precisam ser desmascaradas.

E é necessário acabar com essas manobras suspeitas.

Uma mulher, pelo facto de ser mãe, não tem o direito de negociar um filho ou de abandoná-lo sem mais cuidados nos braços uma criatura qualquer que desaparece sem deixar rastos, nem vestígios.

Sabemos que a polícia já está tratando do caso. Mas o problema não se resolve com a intervenção da polícia — resolvendo-se amparando essas criaturas sem recursos.

Deve-se dispensar às mães o máximo carinho porque este vai reflectir-se na criança que é um valor social e deve, por isso, ser bem aproveitado em benefício da colectividade.

E um recurso dos católicos para que o ditador ceda um pouco, o menos.

Ao passo que os amigos da família querem salvar a situação

PARIS, 9 — A exceção de *L'Humanité*, *Le Matin* e *Le Quotidien*, que persistem em considerar Clemenceau como o principal responsável da paz, toda a imprensa comenta favoravelmente a carta aberta do antigo presidente do conselho Coolidge, dizendo que ela reflete o sentir da França inteira e que terá grande influência nos Estados Unidos, onde o *Tigre* conserva todo o seu prestígio. — (L.)

PARIS, 9 — A comissão de finanças da Câmara dos deputados elegeu hoje a sub-comissão encarregada de entender durante as férias os acordos de Washington e de Londres. — (L.)

E tudo como outrora...

PARIS, 9 — A comissão de finanças da Câmara dos deputados elegeu hoje a sub-comissão encarregada de entender durante as férias os acordos de Washington e de Londres. — (L.)

Em nome da pátria...

Um soldado está ameaçado de rebentar de fome

Alberto Lopes fez a carreira das armas como cabo de artilharia 3. Tomou parte nas campanhas de África onde esteve cinco anos. Arriscou durante esse tempo a sua vida, tendo passado inúmeras privações. Nessas campanhas de África adquiriu uma nefrite óptica — nefrite óptica que serviu de pretexto para a junta o dar incapaz para o serviço, atirando-o, sem clemência alguma, para a rua.

Alberto Lopes encontra-se a braços com a miséria. Dorme para aí, em qualquer recanto da cidade e não tem que comer.

Pelos regulamentos militares é já não podar andado. Contudo, não cumpre essa prescrição militar pela simples razão de não ter fato civil, pela simples razão de não possuir sequer uma camisa.

Temporaria:

1.º Aquisição de alojamento próprio para os sócios quando acidentalmente na localidade da sede e sede da União do Professorado Português;

2.º Aquisição ou montagem de uma tipografia onde seja impresso não só o órgão do professorado, mas também livros e cadernos de utilização escolar;

3.º Editar livros e impressos de utilidade escolar por conta própria ou dos autores seus associados;

4.º Servir de Caixa Económica aos sócios, capitalizando-lhes as quantias que depositarem e facultando-lhes empréstimos;

5.º Estar escolas de instrução profissional, bibliotecas e outras instituições de reconhecida utilidade para os sócios e propagar os princípios de previdência social;

6.º Unir-se ou federar-se com outras cooperativas congêneres a fim de melhor regular os seus fins.

A discussão desta tese ficou adiada por proposta do sr. Rolão Candeias para a reunião magna do Congresso, sendo eleita uma comissão para sobre ela dar parecer e que ficou constituída pelos srs. Rolão Candeias, D. Laurindo Branco Ribeiro, António da Costa Ribeiro e Saturnino Neves.

As reformas do professorado

O sr. Rolão Candeias leu depois o seu trabalho sobre a administração do ensino e assistência escolar da autoria do sr. Mário Sádias Nunes.

O Congresso Pedagógico promovido pela União dos Professores Primários tem decorrido com elevação

Têm sido discutidas teses de grande importância como a "Casa do Professor" e "Educação Física"

O sr. Terezo, de Peniche, defendeu o respeitável das juntas escolares, respondendo-lhe o sr. Rui Martins dizendo que também defende o critério do orador, mas entende que aqueles organismos devem ser constituídos com uma maioria ou totalidade de professores.

O sr. Nuno Chaves, do Cartaxo, propôs que o projecto do sr. Sádias Nunes baixasse a uma comissão de estudo.

Em seguida o sr. Sádias Nunes defendeu os pontos de vista apresentados no seu projecto, frizando sobre todo um capítulo em que se refere à maneira de acabar com os atrasos nos pagamentos aos professores.

As Juntas Escolares, no seu entender, devem denominar-se Camaras Escolares, porque é título mais próprio.

Falaram sobre o assunto vários oradores, sem que nada se adiantasse com isso, sendo finalmente aprovada uma proposta do sr. Chaves para que o projecto baixasse a uma comissão de estudo.

O sr. José Maria da Cunha apresentou uma proposta para os professores primários serem aposentados aos 25 anos de bom e efectivo serviço, independentemente da idade e do estado de saúde com cinco sextos de vencimento. Passados 25 anos de serviço, ou seja, quando o professor não mais puder exercer a sua actividade, deve ser aposentado com a sua pensão.

O sr. Pedro de Almeida entende que o governo deve acarinar o professor primário, pois que da sua acção depende o progresso nacional.

Usou por último da palavra o ministro da Instrução que pronunciou um discurso.

Terminado o discurso, que foi que foi aplaudido, o ministro inaugurou a exposição de trabalhos escolares, provenientes da maioria das escolas de todo o país, e na qual se encontram obras merecedoras de elogio, desde os desenhos das crianças até aos trabalhos, já perfeitos, dos alunos das classes superiores.

A exposição foi muito apreciada e continuou aberta ao público até final do Congresso.

"A casa do professor" e os seus objectivos

A primeira sessão, para inicio dos trabalhos do Congresso, abriu às 16,30, sob a presidência do dr. Luís Passos, director da Escola Normal Primária de Lisboa, que convidiu a assembleia para em dia indeterminado ir à Escola de Benefícios de visita à exposição de trabalhos dos alunos.

O sr. Aníbal Pinheiro, do Conselho Federal, fala sobre várias alterações a introduzir no programa do Congresso, por proposta do Conselho Federal a que pertence. Falaram e discutiram vários oradores, sobre a alteração dos nomes que hão de constituir a comissão de verificação de poderes.

O sr. Alves de Oliveira, de Braga, contestou a proposta apresentada, por ela incluir apenas um professor da província e dois da capital, que são os srs. Jaime Valente, Manuel da Silva e António Joaquim Reis.

O sr. Raúl Martins protesta em nome do núcleo do professorado de Oliveira do Hospital, que representa, contra as questões com que se estavam iniciando os trabalhos do Congresso.

O sr. Manuel Gonçalves, de Alcaçovas, lembra que, à semelhança do que se tem feito nos congressos anteriores, fôsse a referida comissão constituída por um delegado do Norte, outro de Lisboa e outro do Sul.

O sr. Valente começou um discurso de defesa do sr. Manuel da Silva. O presidente interveio para restabelecer a ordem e disciplinar os congressistas, sendo afinal aprovada uma proposta do sr. Rui Monteiro, com os nomes dos srs. Pedro de Almeida, António Joaquim Reis, de Sela, Alvaro Martins, da Chamusca e José Vaz de Figueiredo e Jaime Valente, ambos de Lisboa.

O sr. Osório Gouveia propõe que a comissão de redacção fôsse constituída pelos srs. Manuel Azevedo, Manuel Carvalho e D. Vitalina Mendonça Azinheira.

Depois de mais uns momentos de discussões e aclaramentos, foi iniciada pelo sr. Saturnino Neves a apreciação da tese de carácter social e corporativo, "A Casa do Professor", Cooperativa de Produção, Consumo e Crédito a constituir em Lisboa, ou em qualquer outra capital de distrito, sob a forma de sociedade anónima. Também afirma que apesar da deficiência dos edifícios escolares, se pode fazer educação física, ainda que não fôsse aquela que seria de desejar. As deficiências que ainda hoje se encontram nas escolas primárias em Lisboa são anti-higiênicas por culpa dos professores, visto que desde 1905 se vem protestando contra o facto da falta de higiene em que as escolas se encontram. Garante que a higiene visual das crianças se ressente da falta de luz que existe em quasi todas elas. Também afirma que apesar da deficiência dos edifícios escolares, se pode fazer educação física, ainda que não fôsse aquela que seria de desejar. As deficiências que ainda hoje se encontram nas escolas primárias em Lisboa são anti-higiênicas por culpa dos professores, visto que desde 1905 se vem protestando contra o facto da falta de higiene em que as escolas se encontram. Garante que a higiene visual das crianças se ressente da falta de luz que existe em quasi todas elas. Também afirma que apesar da deficiência dos edifícios escolares, se pode fazer educação física, ainda que não fôsse aquela que seria de desejar. As deficiências que ainda hoje se encontram nas escolas primárias em Lisboa são anti-higiênicas por culpa dos professores, visto que desde 1905

CARTA DO PORTO

A farça dos milagres

Deus desampara os seus fiéis servidores com gáudio do demónio...

PORTO, 8.—Aqueles hinos que ainda há pouco se cantaram à piedade miraculante da gruta de Lourdes transformam-se agora em tristes baladas de desespere—e de descrença. Não há nada como a nudez dos factos para nos chamar à realidade.

Aquele miúdo, aquele «pequeno da Sé» com o peito combalido pelo tuberculose sôra, à custa dum pessas cardíos e muito crente nos milagreiros felicissimos, também com o rancho fanático a Lourdes:

As rajadas de ar fresco recebidas durante a viagem, a mudança de clima que experimentaria durante o longo trajecto, suavizaram-lhe um nadir das aguras pulmonares.

A pascente religiosa fizera-lhe bem; o pequeno regressara um pouco lenitivado das suas dores. A gente do local cumulou a santa de Lourdes de agradecimentos vários. Ah! a santa, sempre é santa. Graças a deus muitas, com ele nemhuns...

Mas como Lourdes não foi capaz de contocar uns órgãos respiratórios novos dentro do arcoípo entezado do paciente; e como ele voltou para o bairro da Sé onde o pouco para o qual existe é mafítico, abafado, o doente piorou, está as portas da morte—porque, além da terrível enfermidade, luta com a mais extrema penúria...

E lá se vai perdendo por aquela gente da Sé os créditos curandeiros da santa de Lourdes a medida que os jornais, numa lâmina plangente, vão pedindo uma esmola, por amor da deus, para socorrer à ingente miséria do «pequeno da Sé» e de sua pobre mãe que, tendo vivido «outora numa cômoda abastança através agora os dias mais negros e dolorosos da sua vida»...

Aos efeitos derrotistas causados na fé abalada da vizinhança pelos sofrimentos cada vez mais agravados da criança, juntou-se a tragédia sinistra, sangrenta, do desastre que matou a irmã do arcebispo-bispo de Vila Real, D. Umbelina Vidal, quando se dirigia à catedral de miraculices de Lourdes...

A crónica descriptiva da morte horrifica da citada irmã do ilustre antistite, resa que ela ficara com órbitas muito abertas, fitando o horizonte anilado, como que a procurar Deus...

Uma criatura do povo, agora quase completamente mergulhada no scepticismo, comemorou quando ouviu lá aquela passagem comovente: «Sim, talvez procurasse Deus para lhe pedir que castigue a santa, já que

A BATALHA

DIÁRIO SINDICALISTA

10-3-1921

SALVADOR BARATA, L. DA
Fabricantes dos Alvaiares marca «GAIVOTA» e únicos depositários do
R. D. Sociedade Produtos Químicos, L. da R. 51 de Janeiro, 171, 1.
Ilus. JOSÉ GOES FERREIRA FUNCHAL
A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS

RUA DAS ONDULAS N.º 19-11 e 19-6 LISBOA
TELEFONE T. 546
PÓ RODRIGUES
O melhor destruidor de PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.
A VENDA em todas as DROGARIAS, MERCERIAS e lojas de FERRAGENS



Grande excursão fluvial

Está despertando grande interesse entre a classe operária o passeio fluvial que a comissão escolar do Sindicato Único da Construção Civil realiza, no dia 15 de Agosto, pela margem norte do Tejo até São Julião da Barra, com desembarque na Trafaria, onde se realizará um piquenique no pinhal, depois do que prosseguirá o passeio até ao Seixal, regressando daí a Lisboa. O transporte será feito nos melhores barcos a gásolina da Cooperativa dos Catraciros, realizando-se o embarque no Terreiro do Paço pelas 8 horas, seguindo depois até Belém, onde atacará num gásolina à ponte para receber os excursionistas daquela parte da cidade, devendo regressar às 20 horas ao ponto inicial do embarque.

acompanhará a excursão um excelente grupo musical composto por elementos da Sociedade Filarmónica Verdi.

Como a comissão escolar tem de comunicar à Cooperativa dos Catraciros, com 8 dias de antecedência, os barcos que necessita, prevenim-se todos os camaradas que se querem aproveitar deste magnífico passeio para se munirem dos respectivos bilhetes até essa data, para assim facilitarem o trabalho a esta comissão.

Os bilhetes estão à venda na administração de *A Batalha*, na residência do contínuo do Sindicato da Construção Civil e na Comissão Escolar. O seu preço é apenas de 10\$00, podendo ser pagos em 4 prestações de 2\$50 cada uma. As crianças de 5 a 10 anos pagam meio bilhete.

Um incêndio sem consequências

Quando estava soldando a maçaria um tubo de zinco, sobre o telhado do Colégio da Luz, um operário comunicou inadvertidamente fogo à palha dos ninhos de pardais construídos no beiral, chegando a pregar ao varedo. Houve alarme, tendo comparecido material e bombeiros dos quartéis 2, 11 e 24, não tendo sido utilizados os serviços, em virtude do pessoal haver apagado o fogo com os próprios recursos.

Assim, o fogo foi apagado e não houve consequências.

ASSINEM *Os mistérios do Povo*

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Andorinha» são hoje expedidas malas postais para Las Palmas e Madeira e pelo paquete «Antônio Delfino» para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Aires, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências registradas às 9 e das ordinárias às 11 horas para ambos os paquetes.

Por via de Marselha também se expedem malas do correio para a Índia Portuguesa e Macau, efectuando-se a última tiragem às 11,30 horas.

OS QUE MORREM

José Nunes

Vitimado por uma apendicite, faleceu no passado dia 7, no Hospital de São José, o nosso camarada José Nunes, carpinteiro, antigo militante da construção civil e um dos fundadores da Associação da Construção Civil de Linda-a-Pastora e Arredores, onde actualmente desempenhava o cargo de 1.º secretário.

A forma repentina como este camarada foi arrebatado do número dos vivos, causou geral surpresa e profunda mágoa em todos que o conheciam, pois que gosava de grande estima tanto por parte dos que com ele colaboraram nas lides sindicais como fora da organização.

A Associação da Construção Civil de Linda-a-Pastora e Arredores convida os seus componentes e demais camaradas que o possam fazer a acompanhar o funeral que se realiza hoje, pelas 14,30 horas, saindo o pésito fúnebre do Hospital de São José para o cemitério da Ajuda. A Federação da Construção Civil faz-se representar.

Com 33 anos de idade, faleceu o operário Júlio Firma da Silva, irmão de Henrique Firma da Silva, militante metalúrgico; de Alvaro Firma da Silva, máquina na marinha mercante; e de Joaquim Firma da Silva, carpinteiro de moldes. Espera-se efectuar o funeral na próxima quinta-feira, se estiverem feitas certas formalidades, saindo da rua da Cruz, a Alcantara, 213, redorão, para o cemitério da Ajuda.

INSTRUÇÃO

Estão em férias os alunos da Escola móvel oficial da rua do Possolo, que com grande êxito fizeram os seus exames de passagem, obtendo os melhores valores. Já se encontram abertas as novas matrículas; das 21 às 0 horas de todos os dias na rua do Possolo, 5 a 9, Gabinete da Direcção, onde se prestam todos os esclarecimentos.

TEATRO AVENIDA

HOJE E TODAS AS NOITES

O FAMOSO

Dr. da Mula Ruça

Primoroso desempenho

Orquestra Jazz-Band

Sacco e Vanzetti

Os sindicatos dos manipuladores de pão e dos empregados de hoteis e restaurantes de Coimbra oficiaram ao ministro da América do Norte, em Lisboa, protestando contra a confirmação da sentença que condenou à morte Sacco e Vanzetti, reclamando a libertação destes dois camaradas.

O Grupo Excursionista União de Vilas Sêcas, atendendo às grandes vantagens concedidas aos excursionistas, participa a todas as pessoas que desejem tomar parte nesta excursão, que parte de Lisboa, no dia 19 do corrente, e devem participar à sua sede, calçada de Arroios, 39, 2.º, Esq., até ao próximo dia 10.

ESPERANTA ANGULO N.º 5

Redaktata sub la gvidado de la labor ista esperantista socio "Nova Voj"

Decidiu encontrá-los pela organização esperantista. Pelo que diziam, um dos irmãos devia estar em Jaskent. Escrevi um postal a uma organização local. Recebi depois o jornal "Esperantista de l'Oriente", o qual me comunicava o endereço do meu irmão mais velho.

Segundo facto

Foi durante um serão familiar.

Tocou-se, cantou-se, riu-se, tagareou-se.

Notei que uma rapariga tinha aparente desgosto. Perguntei-lhe:

— Porque está triste?

— Aqui divergem-se, mas eu não sei onde

pára meu irmão—se está vivo ou morto.

Contou-me o sucedido e deu-me o seu último endereço. Ele morava em Paris.

Decidi encontrá-lo, ou, pelo menos, saber dele pelo Esperanto. Escrevi a um grupo de Paris, ao qual pedi auxílio. Recebi depois da comissão executiva da SAT uma carta com o endereço do irmão que eu procurava. Morava ele então em Rio.

Escrivei a um esperantista daquela cidade e coi a sua ajuda encontrei o irmão da mesma que mostrava o seu desgosto durante o seu.

Se vissem qual a alegria de toda a família da menina, quando eu lhe levei a primeira carta do irmão, dirigida ao meu desgosto.

Ela e o pai choravam de alegria.

Terceiro facto

Eu passeava.

Uma minha conhecida, acompanhada de sua mãe, dirigiu-se-me.

— Já que encontrou o irmão da tal menina procure também os meus dois irmãos.

— Onde estavam eles?

— Estavam em Tunes.

Deu-me os seus últimos endereços. Procurando no anuário, não encontrei morada alguma em Tunes, mas enviei uma carta para outro lugar da Tunísia.

Passados cinco meses recebi a morada de um dos irmãos, que se encontrava já noutro ponto.

Estimados camaradas, *Sat*-anos, esperantistas de todos os países! E' esta uma nova maneira de prestar grandes serviços e de alegrar várias famílias.

O estatuto da *Sat* deve conter um detalhado capítulo acerca deste importante serviço pelo Esperanto.

B. BELAKOV (russo)

(Do "Sennacião" n.º 38, 17-VI-1920).

O Congresso da SAT

Deve realizar-se no corrente mês o IV Congresso da Sennacião Asoci Tutmunda, ao qual se refere o séio recentemente editado e de que falamos noutro lugar. A cidade do congresso é Leningrado, onde o komitato organizador vai procurar proporcionar aos camaradas estrangeiros algum conhecimento da organização social na Rússia.

O Congresso vai ocupar-se de problemas de interesse vital para a SAT, e algumas modificações aos estatutos.

O número de congressistas está já perto de 400, dos seguintes países: Rússia, Alemanha, Inglaterra, Áustria, Polónia, Tchecoslováquia, Iugoslávia, França, Holanda, Espanha, Uruguai, Estónia, Finlândia, etc.

A última hora sabemos que Lunatcharski, o comissário do povo da instrução, aceitou a presidência de honra.

A BATALHA NA PROVÍNCIA E ARREDORES

Mas, isto ainda não é tudo. Há mais, há pior...

Acontece ainda que o capataz de Muge agride frequentemente trabalhadores rurais, como se vivéssemos ainda no tempo da escravidão feudal. O mesmo capataz que tem roubado o pão a muita gente ameaça os que, no caso de se irem queixar ao administrador, este receberá os queixosos a calvo marinho.

Não será tempo dos rurais pôrem cônbro a este aviltante estado de coisas agrupando-se sindicato?

Caldas da Rainha

Higiene... por capricho

CALDAS, 8.—Existe aqui uma *camionete* para serviço das regas que foi adquirida pela comissão de iniciativa, à sombra da receita das taxas de turismo.

Sucedeu, porém, que a *camionette* só percorre certas ruas—às ruas onde moram as pessoas de maior influência, as outras ruas, pelo visto, não são dignas de ser radas. Outras ruas há em que a *camionette* só rega metade—à metade das ruas onde moram as pessoas simpáticas.

Isto de sacrificar a higiene desta vila a um capricho, merece o nosso mais veemente protesto. As Caldas precisam de ter higiene para a valor e não, pelo contrário, para a amizade e da influência.

Não é só no que respeita às regas. Há ruas que são bem tratadas e há outras que parecem não existirem, visto deixarem-nas ao abandono, indiferentes ao estado vergonhoso em que elas se encontram.

Veraneantes

Têm chegado a esta vila nestes últimos dias bastantes pessoas que veem aqui deixar o seu dinheiro, uns para tratar dos seus pedimentos, outros matar saudades junto ao pano verde da batota.

Os batoteiros esfregam as mãos, riam-se, tanto mais que, segundo parece, estão autorizados devidamente a exercer a sua "indústria" mediante o pagamento dum acento que não se importa que morram de fome.

Organizem-se e verão o gatuno do patrão tratar-los como merecem, fazendo-lhes as férias todas as semanas e não roubando—como rouba—nos gêneros avariados, ainda fazendo negócio com o vosso dinheiro. (Especial).

Foz do Arelho

Honrai a pátria...

FOZ DO ARELHO, 8.—Nesta praia vive um desgraçado que foi em 1914 soldado no regimento de infantaria 5. Durante o tempo em que foi soldado cegou e ficou completamente surdo. Pois para maior desgraça sua é obrigado ao pagamento da taxa militar na importância de 2870.

O ex-soldado vive pobremente e é sustentado por esmolas—esmolas que são também para manter seu pobre pai que é uma criatura bastante idosa e que está completamente inutilizado. Como pode este desgraçado pagar a taxa militar?

Fomos informados de que este é infeliz, que ainda possui uma courela de terreno que lhe foi deixada por sua mãe, a vai perder devido a não ter pago a taxa militar.

E' esta a maneira como o Estado trata aqueles que o servem. Não haverá nestas paragens quem possa um pouco de coragem e salve este desgraçado das garras da miséria.

A BATALHA

NAS OFICINAS DA C. P.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A liberdade de pensamento e de expressão está sendo profundamente afetada pela censura, cuja existência nada justifica



Recorda-se um facto que originou a morte repentina de um contra-mestre da oficina de pintura

Afirmámos há dias que os factos de maior gravidade — quanto a já temos relatado alguns de muita importância — ainda não tinham vindo à luz do dia. Iniciámos a sua descrição, pode dizer-se, com o caso passado na oficina dos estofos.

A sua leitura indignou toda a gente de senso e sentimentos. Ela veio revelar publicamente uma tão grande injustiça, que até o pessoal superior doutros serviços da Companhia comentaram acríticamente o abominável gesto, que poderá considerar-se um dos piores, cometidos pela sinistra figura do engenheiro Sequeira.

Mas há muitos mais casos revoltantes. Todos eles traduzem maldade. Operários que, com 25 e 30 anos de casa, demitidos inesperadamente, vêm-se na contingência de seguirem para as terras das suas naturalidades, onde se dedicam a qualquer mister, visto a grande crise de trabalho que lava desde há tempos não permitir que se coloquem noutra oficina.

Este facto não só se dá pelo motivo atras apontado, como pelo abatimento moral produzido em cada um dos alvejados, que no declínio da vida assim são atirados à miséria.

Um operário dos atingidos conhecemos nós, cujo sofrimento moral lhe provocou profunda doença, que lhe abreviaria certamente a existência.

Já se registou até um caso fatal. Descrevendo-se torna-se nos bastante doloroso, como para todos quantos dele guardam viva lembrança e o recordam num misto de tristeza e revolta. Ficou gravado na memória de todo o pessoal e dificilmente se desvanecerá. Infelizmente não soube este marcar uma atitude que patenteasse energicamente o seu estado de espírito perante uma grande afronta.

A vítima era criatura respeitável e muita estimada pelo ferroviários.

Era o contra-mestre da secção de pintura João Machado. Vivia admiravelmente com o pessoal, decorrente o serviço na melhor ordem. Deveria ter uns 35 anos de casa, sempre considerado por todos os engenheiros que anteriormente dirigiram as referidas oficinas.

O seu temperamento não podia suportar a permanente pressão sobre os operários da sua secção.

Assediado constantemente pelo engenheiro, que lhe mortificava a alma com recomendações violentas e exageradas, por vezes repreendido injustamente, por não proceder rapidamente para com os operários, tudo o ia-mimando, enfraquecendo-lhe o espírito até ao completo aniquilamento.

Eravam continuas as advertências, as ameaças sucediam-se e ele aparentando serenidade, sentia fugir-lhe as forças para enfrentar tal situação. A sua consciência de operário honesto e trabalhador, amigo dos seus camaradas, ferido por seguidos golpes, sangrava continuamente e muitos já previam um fatal acontecimento.

Os factos o vieram confirmar mais tarde.

Certo dia, em presença dum castigo aplicado a dois operários da sua secção, por uma falta que poderia considerar-se insignificante, castigo que feriu sobremodo o seu sentimento de justiça e até mesmo o de dignidade do cargo que ocupava, dirigiu-se ao engenheiro e solicitou a anulação daquele.

Foi asperamente censurado pelo seu professor. Não desistiu, porém. Acima do respeito e da disciplina, estava a verdade e a razão. Existia também o seu sentimento.

Persistiu no pedido formulado. Aduziu razões lógicas, aceitáveis e atendíveis. Nada demovê o tirano. Pelo contrário, foi novamente increpado e ameaçado.

Nesse momento analisou tudo.

Não havia dentro desse corpo, que deambula diariamente pelas oficinas fora, numa ânsia doentia de fazer sangue; dentro do peito desse engenheiro, resquício algum de sentimento de bondade; só rancor lá se encontrava.

O pobre Machado não pôde resistir mais. Sua apreensão tornou-se mais aguda. Sentiu enraquecer os músculos. Pelo seu cérebro, numa vertiginosa carreira, numa remissão rápida, passaram uma a uma, todas as vitimas imoladas ao opressor. A vista fugiu-lhe lentamente. As pernas vergavam-se-lhe; sentiu-se incomodado da saúde. Eram os malditos sintomas.

Fôr acometido dum congesão que o prostrou para sempre, roubando ao carinho das famílias e à amizade dos seus camaradas das oficinas, onde deixou pedaços da sua alma torturada. Morreu este homem defendendo a verdade, pugnando pelos direitos dos explorados.

Para o engenheiro tudo o que se passou foi um caso banal. Um incorporamento insincere e insultuoso no funeral, foi o suficiente para a sua consciência de tirano.

Preocupação? Remor? Para quê? Não está no seu amago... E nada mais!

O quadro aí fica traçado com as devidas cores.

São já decorridos três anos, mas quantas vezes ele é balaço pelos que o sentiram profundamente!

Mas o resto? O pessoal, a sua atitude? Um enigma...

A situação da imprensa

A direção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa tomou a iniciativa de convocar uma reunião magna de jornalistas, a fim de serem apreciados os seguintes assuntos:

Prejuízos que a aplicação da nova lei traz aos profissionais do jornalismo; inconvenientes da censura à imprensa e desvantagens da arbitrária suspensão de jornais.

A reunião foi autorizada pela autoridade militar para amanhã, pelas 16 e 30, na sede do Sindicato, rua do Loreto, 13, 2º.

A direção da Associação de Classe dos Vendedores de Jornais procurou tem a direção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, oferecendo-lhe toda a sua solidariedade no movimento a empreender, para obviar aos prejuízos que lhes traz a lei de imprensa e a censura prevista, tal como está sendo feita.

MOVIMENTO OPERÁRIO INTERNACIONAL

A indústria têxtil espanhola sofre uma grave crise de competência

A indústria têxtil espanhola, que tem os seus grandes centros na Catalunha e nas ilhas do Mediterrâneo, está sofrendo, há longos meses, uma forte crise de mercados. Como sucede por toda a parte, os industriais procuram salvar-se da crise com o sacrifício do operariado, em vez de limitar um pouco os seus lucros.

Assim, estão empregando esforços no sentido de prolongamento da jornada de trabalho. Os trabalhadores, porém, opõem-se com energia a tentativas do patronato, sabendo que o motivo único da crise se encontra na deficiência técnica dos industriais, cujo atraço é tal que julgam ter modernizado a indústria com a aquisição ao estrangeiro de máquinas usadas.

Em Espanha, o operariado está brutalmente impedido de defender os seus interesses. Só os socialistas têm podido reunir-se com grandes êmbores; e usando da benevolência que o governo lhes dispensa em troca da sua inutilidade, os socialistas reafastaram-na na celebrada União Geral dos Trabalhadores promovendo a reunião de uma conferência da indústria têxtil para o fim de Julho, a fim de se estudar a forma de se manter o regime de oito horas de trabalho e de se fundar uma federação nacional dos operários da indústria.

Não sabemos, ainda, a que resultados chegou essa conferência; mas sabemos, em compensação, que em nada se modificou o actual estado de coisas.

LUTA DE CLASSES

A crise de trabalho na construção civil

A comissão delegada do Sindicato Único da Construção Civil procurou ontem falar com o ministro do Comércio, a fim de conseguir que seja dada ordem para a abertura das obras dos monumentos nacionais, para as quais já existe verba, faltando apenas o despacho do titular da referida pasta. Foi a comissão recebida pelo chefe do gabinete, que disse: tencionar o ministro resolver o assunto. Por este motivo, a comissão vai hoje procurar avisar-se com o arquitecto L. Couto, a fim de conseguir a admissão, naquelas obras, de inúmeros operários sem trabalho.

O seu temperamento não podia suportar a permanente pressão sobre os operários da sua secção.

Assediado constantemente pelo engenheiro, que lhe mortificava a alma com recomendações violentas e exageradas, por vezes repreendido injustamente, por não proceder rapidamente para com os operários, tudo o ia-mimando, enfraquecendo-lhe o espírito até ao completo aniquilamento.

Eravam continuas as advertências, as ameaças sucediam-se e ele aparentando serenidade, sentia fugir-lhe as forças para enfrentar tal situação. A sua consciência de operário honesto e trabalhador, amigo dos seus camaradas, ferido por seguidos golpes, sangrava continuamente e muitos já previam um fatal acontecimento.

Os factos o vieram confirmar mais tarde.

Certo dia, em presença dum castigo aplicado a dois operários da sua secção, por uma falta que poderia considerar-se insignificante, castigo que feriu sobremodo o seu sentimento de justiça e até mesmo o de dignidade do cargo que ocupava, dirigiu-se ao engenheiro e solicitou a anulação daquele.

Foi asperamente censurado pelo seu professor. Não desistiu, porém. Acima do respeito e da disciplina, estava a verdade e a razão. Existia também o seu sentimento.

Persistiu no pedido formulado. Aduziu razões lógicas, aceitáveis e atendíveis. Nada demovê o tirano. Pelo contrário, foi novamente increpado e ameaçado.

Nesse momento analisou tudo.

Não havia dentro desse corpo, que deambula diariamente pelas oficinas fora, numa ânsia doentia de fazer sangue; dentro do peito desse engenheiro, resquício algum de sentimento de bondade; só rancor lá se encontrava.

O pobre Machado não pôde resistir mais.

Sua apreensão tornou-se mais aguda. Sentiu enraquecer os músculos. Pelo seu cérebro, numa vertiginosa carreira, numa remissão rápida, passaram uma a uma, todas as vitimas imoladas ao opressor. A vista fugiu-lhe lentamente. As pernas vergavam-se-lhe; sentiu-se incomodado da saúde.

Eravam os malditos sintomas.

Fôr acometido dum congesão que o prostrou para sempre, roubando ao carinho das famílias e à amizade dos seus camaradas das oficinas, onde deixou pedaços da sua alma torturada. Morreu este homem defendendo a verdade, pugnando pelos direitos dos explorados.

Para o engenheiro tudo o que se passou foi um caso banal. Um incorporamento insincere e insultuoso no funeral, foi o suficiente para a sua consciência de tirano.

Preocupação? Remor? Para quê? Não está no seu amago... E nada mais!

O quadro aí fica traçado com as devidas cores.

São já decorridos três anos, mas quantas vezes ele é balaço pelos que o sentiram profundamente!

Mas o resto? O pessoal, a sua atitude? Um enigma...

CARTA DE COIMBRA

Novas referências aos escândalos cometidos no Hospital da Universidade

COIMBRA, 6. — As referências que fizemos há dias sobre um escândalo passado no hospital da Universidade, produziram uma certa sensação, a pesar do caso ser já bastante conhecido. Uma grande parte do público está de acordo com as nossas considerações, achando-as justas e oportunas, pois está sobejamente demonstrado que os hospitais necessitam dum larga remodelação nos seus serviços internos, de maneira a satisfazer melhor as necessidades do público.

O povo tem ainda hoje um instintivo repto de recolher, quando doente, ao hospital, receio aliás justificável se atendermos a casos anormalíssimos que por ali se passam. Quem uma vez ali é internado não tem vontade de para lá voltar.

As queixas e os clamores dos doentes são continuos. Uns, como os internados nas enfermarias dos leprosos, vêm até à imprensa concretizar as suas reclamações. Outros, coitados, com receio de serem mais prejudicados, limitam-se a fazer as suas lamentações aos conhecidos e amigos, não tendo coragem, muitas das vezes, a manter as suas queixas em frente dos médicos ou dos empregados.

O que é necessário que se diga, também, é que os doentes queixam-se com freqüência do pessoal de enfermagem, pela sua falta de atenção para com o doente e por maus tratos frequentes.

Isto é lamentável que se diga, mas mais lamentável é que se dê, já mais tratando-se de pessoal recrutado na parte já um pouco mais instruída do povo, e que tem a estricta obrigação de ser cumpridor dos seus deveres para com os doentes, competentíssimos na sua profissão e incapazes da prática de qualquer má ação. Estes, temos a plena convicção de que não se melindraram com as nossas apreciações, pois sabem não ser por elas atingidos.

Noutro número continuaremos estas apreciações.

A propósito da nossa local em que nos referimos ao conflito havido entre um médico do hospital e um parente próximo dum praticante de enfermeira, fomos procurados pelo sr. Francisco Régio, administrador das farmácia do hospital, para nos dizer ser ele a aludida pessoa que teve desforço com o médico, mas que carece de fundamento o boato de que nos fizemos eco, de que aquele senhor tivesse ido a recadação de dois jornais locais para que se tratasse de assunto. Pelo contrário, diz-nos o sr. Régio, era seu desejo de que nunca este caso tivesse publicidade, e tanto assim que procurou o correspondente de *A Tarde*, que ao conflito se tinha já referido, para lhe pedir que não continuasse a referir-se ao que se tinha passado.

Como na nossa correspondência não nos referimos a nomes, respeitando justos mimos, poderíamos deixar de fazer êste esclarecimento. Fazemo-lo, porém, para provar ao sr. Régio que foi com a maior lealdade que tratámos do caso. — C.

As reclamações dos ferroviários de cortiça

A comissão delegada do Sindicato Único da Construção Civil procurou ontem falar com o ministro do Comércio, a fim de conseguir que seja dada ordem para a abertura das obras dos monumentos nacionais, para as quais já existe verba, faltando apenas o despacho do titular da referida pasta. Foi a comissão recebida pelo chefe do gabinete, que disse: tencionar o ministro resolver o assunto. Por este motivo, a comissão vai hoje procurar avisar-se com o arquitecto L. Couto, a fim de conseguir a admissão, naquelas obras, de inúmeros operários sem trabalho.

O seu temperamento não podia suportar a permanente pressão sobre os operários da sua secção.

Assediado constantemente pelo engenheiro, que lhe mortificava a alma com recomendações violentas e exageradas, por vezes repreendido injustamente, por não proceder rapidamente para com os operários, tudo o ia-mimando, enfraquecendo-lhe o espírito até ao completo aniquilamento.

Eravam continuas as advertências, as ameaças sucediam-se e ele aparentando serenidade, sentia fugir-lhe as forças para enfrentar tal situação. A sua consciência de operário honesto e trabalhador, amigo dos seus camaradas, ferido por seguidos golpes, sangrava continuamente e muitos já previam um fatal acontecimento.

Os factos o vieram confirmar mais tarde.

Certo dia, em presença dum castigo aplicado a dois operários da sua secção, por uma falta que poderia considerar-se insignificante, castigo que feriu sobremodo o seu sentimento de justiça e até mesmo o de dignidade do cargo que ocupava, dirigiu-se ao engenheiro e solicitou a anulação daquele.

Foi asperamente censurado pelo seu professor. Não desistiu, porém. Acima do respeito e da disciplina, estava a verdade e a razão. Existia também o seu sentimento.

Persistiu no pedido formulado. Aduziu razões lógicas, aceitáveis e atendíveis. Nada demovê o tirano. Pelo contrário, foi novamente increpado e ameaçado.

Nesse momento analisou tudo.

Não havia dentro desse corpo, que deambula diariamente pelas oficinas fora, numa ânsia doentia de fazer sangue; dentro do peito desse engenheiro, resquício algum de sentimento de bondade; só rancor lá se encontrava.

O pobre Machado não pôde resistir mais.

Sua apreensão tornou-se mais aguda. Sentiu enraquecer os músculos. Pelo seu cérebro, numa vertiginosa carreira, numa remissão rápida, passaram uma a uma, todas as vitimas imoladas ao opressor. A vista fugiu-lhe lentamente. As pernas vergavam-se-lhe; sentiu-se incomodado da saúde.

Eravam os malditos sintomas.

Fôr acometido dum congesão que o prostrou para sempre, roubando ao carinho das famílias e à amizade dos seus camaradas das oficinas, onde deixou pedaços da sua alma torturada. Morreu este homem defendendo a verdade, pugnando pelos direitos dos explorados.

Para o engenheiro tudo o que se passou foi um caso banal. Um incorporamento insincere e insultuoso no funeral, foi o suficiente para a sua consciência de tirano.

Preocupação? Remor? Para quê? Não está no seu amago... E nada mais!

O quadro aí fica traçado com as devidas cores.

São já decorridos três anos, mas quantas vezes ele é balaço pelos que o sentiram profundamente!

Mas o resto? O pessoal, a sua atitude? Um enigma...

UMA INFAMIA

Um honesto trabalhador fals